

A missão da Igreja é Evangelizar: Apontamentos pastorais no contexto da pandemia¹

Jorge Castela²

Vitor Hugo Mendes³

Resumo: Na mensagem natalina de 2019, dirigida à Cúria romana, o Papa Francisco recordou uma forte expressão do Cardeal Martini: “A Igreja ficou atrasada duzentos anos. Como é possível que não se alvorace? Temos medo? Medo, em vez de coragem? [...]”. Naquelas circunstâncias, apenas surgiam as primeiras notícias da epidemia causada pela COVID-19 em Wuhan, na China. Fora de controle, o vírus se alastrou pelo mundo e logo se transformou em uma grave pandemia. A partir de então, na sociedade, se tornou evidente as dificuldades, por parte das autoridades públicas, em dar assistência à emergência sanitária. No âmbito religioso, assistimos perplexos as limitações da pastoral da(s) Igreja(s) tendo em vista acompanhar o ‘rebanho’. Na realidade, a pandemia explicitou, de forma assombrosa, o atraso da Igreja frente aos desafios evangelizadores de hoje. Neste trabalho, tendo em consideração a complexidade desta situação no contexto da Igreja na Europa, buscamos problematizar a *pastoral da Igreja* tendo em vista abrir perspectivas para uma *ação evangelizadora* guiada pela saída missionária da Igreja.

Palavras-chave: Igreja. Europa. Pandemia. Pastoral. Evangelização

INTRODUÇÃO

Na mensagem natalina de 2019, dirigida à Cúria romana, o Papa Francisco recordou uma forte expressão do Cardeal Martini: “A Igreja ficou atrasada duzentos anos. Como é possível que não se alvorace? Temos medo? Medo, em vez de coragem? [...]”. Naquelas mesmas circunstâncias, no extremo oriente, apenas surgiam as primeiras notícias da epidemia causada pela COVID-19 em Wuhan, na China. Fora de controle, o vírus se alastrou pelo mundo e logo se transformou em uma grave pandemia, talvez o primeiro desafio realmente global de todos os tempos.

A partir de então, na sociedade em geral, se tornaram cada vez mais evidentes as dificuldades, por parte das autoridades públicas e dos Estados, em dar assistência à emergência sanitária. A situação pandêmica tem demonstrado a inoperância dos protocolos nacionais

1 Comunicação apresentada no I Congresso Brasileiro de Teologia Pastoral (edição virtual), FAJE, Belo Horizonte, 3 a 6 de maio de 2021.

2 Mestre em Teologia Prática (UPSA). Coordenador de Pastoral da Diocese da Guarda, Portugal. Candidato ao doutorado em Teologia Prática, Pontifícia Universidade de Salamanca (UPSA). E-mail: pe.jorge.castela@gmail.com

3 Doutor em Teologia (UPSA), Doutor em Educação (UFRGS). Estágio pós-doutoral, Faculdade de Educação (G. I. R. *Helmantica Paideia*), Universidade de Salamanca (USAL). Colabora na pastoral da Diocese da Guarda, Portugal. E-mail: mendesvh90@gmail.com.

e internacionais na hora de estabelecer medidas efetivas de saúde pública para a população, criando ainda mais dicotomias sociais e periferias existenciais.

No âmbito religioso, diante da expansão do vírus, temos tido uma multiplicidade de reações. Se bem o Papa Francisco, com a Encíclica *Laudato si'* (2015), sobre o cuidado da casa comum, já havia realizado um alerta contundente sobre a problemática ecológica atual, possivelmente a ressonância de sua exortação ainda não tinha sido devidamente assimilada na dinâmica da eclesialidade católica. O mesmo apelo foi renovado e matizado com a Encíclica *Fratelli tutti* (2020) alertando para a imprescindível fraternidade mundial.

Dada a gravidade da situação e a impotência dos ofícios religiosos para aplacar o problema invisível e inevitável, isto é, na falta de uma espiritualidade encarnada para o tempo presente, aflorou todas as faces de uma igreja institucional, clericalizada, sacramentalista e, sobretudo, distante da vida comum das pessoas. Na verdade, assistimos perplexos as inúmeras limitações da 'pastoral' da(s) Igreja(s) tendo em vista acompanhar o 'rebanho'. A pandemia explicitou, de forma assombrosa, o atraso da Igreja frente aos desafios evangelizadores de hoje, tanto ao nível do que podemos designar como 'construção do Reino' como ao nível do anúncio da Boa Nova da Salvação.

Neste trabalho, tendo em consideração a complexidade desta situação no mundo globalizado, fixando-nos no contexto da Igreja na Europa e reunindo a experiência teológico-pastoral de um europeu português e um latino-americano brasileiro, buscamos problematizar a *pastoral da Igreja* tendo em vista (re)abrir perspectivas para uma *ação evangelizadora* guiada pela *saída missionária* da Igreja.

1 EUROPA, TERRA DE MISSÃO: UMA VISÃO PANORÂMICA

A situação da Igreja na Europa tem sido motivo de muitas reflexões e análises tratando de identificar os desafios pastorais que cobram uma continua renovação do trabalho evangelizador. Não se trata de uma tarefa fácil. Desde a bem-sucedida experiência de Cristandade medieval que, paulatinamente, modelou a eclesialidade católica eurocentrada, posteriormente, sobretudo com a chegada da modernidade, a Igreja europeia foi sempre encontrando novas batalhas na qual foi perdendo sua hegemonia, territórios, importância e, sobretudo, sua vitalidade.

Quando no ano de 1943 veio a público o livro *França, terra de missão?*, escrito por Henri Godin e Ives Daniel, sacerdotes que conheciam e reconheciam o distanciamento da Igreja com as classes populares, foi dado um grave sinal de alerta: França, de antiga tradição cristã, se tornava uma 'terra de missão' como aqueles outros países de uma evangelização mais recente. Tornava-se prescritivo que sem uma profunda mudança na ação pastoral da Igreja, os tempos vindouros seriam cada vez menos favoráveis para o catolicismo na França, assim como, para toda a Europa.

Alguns anos depois o Concílio Vaticano II (1962), caracteristicamente europeu em suas formulações pastorais, significou uma grande transformação que resultou numa certa ‘modernização’ da Igreja (cf. MENDES, 2011). Todavia, o que seria próprio do *aggiornamento* da Igreja europeia, na maior parte do continente, não avançou suficientemente na direção da reforma conciliar de modo a recriar sua ação pastoral (cf. CÂMARA, 1966). Além disso, naquelas circunstâncias já despontava na academia e na sociedade uma vertiginosa sensibilidade ‘pós-moderna’ com a qual a Igreja ainda busca encontrar o caminho de diálogo.

Em período mais recente, já no fim do século passado, quando o Papa João Paulo II convocou uma série de Sínodos continentais tendo em vista preparar a Igreja para os desafios do novo milênio, a Igreja Europeia, uma vez mais, se colocou a examinar detidamente a sua realidade eclesial e pastoral. Naquela oportunidade, tratando de responder aos apelos do Santo Padre, a Assembleia sinodal se reuniu em duas ocasiões diferentes. A primeira reunião deu-se em 1991, logo depois das importantes mudanças políticas ocorridas no leste europeu. Deste encontro resultou “a urgência e a necessidade da ‘nova evangelização’”, lembrando “que ‘a Europa, hoje, não deve simplesmente fazer apelo à sua precedente herança cristã [...]’”, sendo preciso um novo impulso evangelizador (*EE*, n. 2).

A segunda Assembleia, pautada pelo tema da *esperança*, foi realizada em 1999 e, na sequência, em 2003, foi publicada a Exortação Apostólica Pós-sinodal *Ecclesia in Europa*. Nela o Papa sublinhava “a *crise da memória e herança cristãs*, acompanhada por uma espécie de agnosticismo prático e indiferentismo religioso, fazendo com que muitos europeus dêem a impressão de viver sem substrato espiritual e como herdeiros que delapidaram o patrimônio que lhes foi entregue pela história” (*EE*, n. 7). Neste sentido, mesmo reconhecendo que “a fé cristã plasmou a cultura do continente e entrelaçou-se inextricavelmente com a sua história” (*EE*, n. 24), o Papa indicava que cabia à Igreja reconhecer “a urgência de não dissipar este precioso patrimônio mas ajudar a Europa a construir-se a si mesma revitalizando as raízes cristãs que lhe deram origem” (*EE*, n. 25).

Recentemente, o Papa Francisco falava da “impressão geral duma Europa cansada e envelhecida, não fértil e sem vitalidade, onde os grandes ideais que a inspiraram parecem ter perdido o seu fascínio; uma Europa decadente que parece ter perdido a sua capacidade geradora e criativa [...]”, e pedia por “uma Europa que, longe de proteger espaços, se torne mãe geradora de processos” (FRANCISCO, 2016).

Como se pode notar, muito embora se deva reconhecer que não faltaram empenhos significativos, tendo em vista afrontar a complexidade social e pastoral que representa o continente europeu, parece consequente advertir que tais esforços não foram suficientes para levar a termo a *nova evangelização* tão querida pelo Papa João Paulo II (cf. MENDES, p. 323). É verdade que a realidade eclesial europeia é bastante diversificada em termos de projetos pastorais em desenvolvimento. São vários os países e dioceses que têm encetado tentativas de reorganização pastoral e organizado sínodos para esse efeito, embora em termos de protagonismo se destaque o atual Sínodo da Igreja alemã. Não obstante, como veremos

a continuação, os dados da realidade europeia não são muito favoráveis quando se trata de indicar perspectivas de futuro.

Durante décadas, em virtude do laicismo que se tornou hegemônico no contexto europeu, um dos problemas centrais no âmbito do debate teológico, magisterial e pastoral se concentrou no enfrentamento do(s) secularismo(s). *Grosso modo*, por um lado, está a emergência de instituições seculares, entre elas o Estado, que ocuparam espaços outrora patrocinados pela Igreja; por outro lado, cresceu uma espécie de esvaziamento simbólico do religioso, um fenômeno que interferiu diretamente na cultura (cf. TAYLOR, 2015). Seja como for, de fato há uma progressiva ruptura com os valores cristãos e a identidade católica. Atualmente o número dos que se dizem católicos alcança o índice de apenas 39,69% da população com tendência a diminuir (na América: 63,77%; África: 19,17%; Ásia, 3,68%). Deve-se tomar também em consideração que a porcentagem de ‘praticantes’ é bastante menor do que o número total daqueles que se declaram católicos. Ainda é considerável o número daqueles que se batizam por uma questão cultural ou tradição, sem que signifique o engajamento na fé. São os católicos intermitentes das festas religiosas e dos funerais.

Tabela 1

Igreja Católica na Europa em números (Agencia Fides/2012/2020)

(*) Annuarium Statisticum Ecclesiae (2000), *L’Ossevatore Romano*

ASPECTOS GERAIS	2000*	2012	2020
População total	727.330.000	713.397.000	720.242.000
Católicos	280,144.000 (26.81%)	284.924.000 (39.94%)	285.865.000 (39,69%)
Habitantes por sacerdote	-	3.752	4.108
Hab. católicos/sacerdote	-	1.498	1.672
Circunscrições Eclesiásticas	-	750	760
Bispos	1,497	1.606	1.687
Sacerdotes	208,659	190.150	170.936
Diáconos	8.813	13.151	15.090
Religiosos/as	388.017	303.771	238.520
Missionários laicos	-	6.334	11.556
Catequistas	502,352	556.528	514.308
Seminaristas/Menores	Total	10.968	8.920
Seminaristas/Maiores.	26,879	20.564	16.518

Por sua vez, outras dificuldades, quicá menos enfatizadas, fazem com que a situação da Igreja na Europa seja cada vez mais complexa e difícil. Um elemento importante a ser considerado, ademais da baixa taxa de natalidade, é o acentuado envelhecimento da população. Segundo os dados de 2019, mais de um quinto (20,3 %) da população da União Europeia tinha 65 anos ou mais. A isto segue-se, entre outros, o contínuo envelhecimento das comunidades cristãs, do clero e da vida consagrada, o inevitável declínio das vocações e, não por

último, o crescente déficit de padres para o número cada vez mais excessivo de paróquias, o que Codina (2020, p. 6) chama de “inverno eclesial europeu”.

Tomados em conjunto, todos estes elementos têm um impacto direto na vida da Igreja europeia e, conseqüentemente, na sua ação pastoral. Ademais de ir perdendo progressivamente sua relevância para a sociedade em geral, o abandono da Igreja por parte dos cristãos é um fenômeno preocupante. Nisto estão implicados diferentes aspectos da vida intra-eclesial que cada vez mais causam a indiferença e o descrédito da instituição na opinião pública: os casos de abuso sexual, de poder e de consciência; os escândalos financeiros; o clericalismo; o pouco reconhecimento da mulher e do feminino nos encargos administrativos e litúrgicos da Igreja; a moral sexual que não conta mais na sociedade ocidental, etc. Isso sem mencionar as dificuldades em transmitir ou partilhar a fé em famílias que já não são os seus principais transmissores, numa catequese de infância e adolescência pouco conseqüente e numa formação cristã incipiente de jovens e adultos. O catolicismo tem-se desinstitucionalizado, baseado num poder crer sem pertencer e num pertencer sem celebrar.

Pode-se igualmente afirmar que a presença da Igreja europeia na acção social junto dos mais idosos, dos doentes e dos pobres é relevante, pois é uma das instituições que mais possui instituições de caridade. Cabe lembrar, entre outros, a grave situação dos refugiados cuja realidade tem recebido uma particular atenção da Igreja. Mas há todo um leque de ‘periferias’ para além destas que carece de maior atenção.

Diante deste quadro panorâmico, que foi realçado pela pandemia do novo coronavírus, o desafio que se apresenta para a Igreja europeia e, se pode dizer, a toda a Igreja, é o de se (con)centrar na *saída missionária* como elemento indispensável da evangelização. Se em outros continentes se sente a urgência de uma saída missionária sobretudo em direção às periferias geográficas, na Europa a necessidade desta saída missionária prende-se também ao imperativo de superar um autorreferencialismo centrado na defesa da instituição e dos espaços que outrora ela conquistara, o eclesiocentrismo.

2 EVANGELIZAR: A ‘SAÍDA MISSIONÁRIA’ DA IGREJA

Em uma entrevista ao jornal *L’Osservatore Romano* em setembro do ano passado, o Cardeal Jean-Claude Hollerich, arcebispo de Luxemburgo, dizia que a pandemia tinha acelerado a descristianização da Europa e que muita gente que ia à missa só por um hábito cultural deixaria de ir. E acrescentava que a pandemia só adiantara um processo que acabaria por acontecer dentro de dez anos (cf. BELLIZI, 2020).

É verdade que os templos têm permanecido mais fechados que abertos, uma parte dos sacramentos têm sido adiados ou suspensos e as missas transmitidas na televisão, na rádio e nas plataformas digitais se têm replicado exaustivamente, quiçá fomentando um cristianismo individualista, efêmero e *light*. No entanto, o que muitos vêem como uma adversidade, poderá ser visto também como uma oportunidade, inclusive para essa reflexão em ordem a uma

nova etapa da evangelização (EG, nn. 1, 17) de que nos vem falando o Papa Francisco desde o início do seu pontificado.

Às vezes medimos a fé e a vida cristãs pelo número daqueles que vão à missa ou pelo número de batizados e casamentos. Aliás, a discussão sobre a situação da Igreja no contexto da pandemia e o que se vislumbra para depois dessa emergência tem andado muito focado em torno da celebração dos sacramentos, quando há muito mais para além disso a se pensar. Na verdade, a missão da Igreja, como disse o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*, deve ser toda ela evangelizadora.

Se o concílio Vaticano II abriu as portas a uma Igreja mais responsável e consciente, tanto da sua identidade e vocação, como missão, a verdade é que, ao longo destas mais de seis décadas, apesar das aperturas dos diferentes magistérios pontifícios e respectivos documentos, grande parte dos cristãos, tanto leigos como clérigos e demais consagrados, ainda não assumiram a mentalidade missionária da sua vocação. Como afirma J. Mallon (2015, p. 3), nós esquecemos facilmente “quem somos e o que estamos chamados a fazer como Igreja”. Utilizando a metáfora do filme *Titanic* (de James Cameron), onde alguns assistem à morte de outros a partir do seu bote salva-vidas, Mallon (2015, pp. 8-9) diz que na Igreja temo-nos contentado com a simples manutenção e o serviço a nós mesmos.

Tendo em vista superar esta autoreferencialidade e a inevitável estagnação que disso decorre, a *saída missionária* da Igreja, desafiada a chegar nas *periferias* (históricas, geográficas e existenciais), implica promover uma *evangelização nova*, como corresponde a toda evangelização que pretende ser autêntica (EG, n. 11). Para concretizar essa saída da autorreferencialidade para a alteridade, é imprescindível uma *conversão pastoral* e uma *pastoral em conversão* contínua.

2.1 CONVERSÃO PASTORAL

O Sínodo de 2012, convocado por Bento XVI, sobre o significado teológico e pastoral da *Nova Evangelização*, uma iniciativa impulsionada pelo seu antecessor, gerou muitas expectativas em toda a Igreja. Todavia, já concluído o Sínodo, o Papa renunciou a 11 de fevereiro de 2013 sem que se conhecesse a habitual exortação apostólica pós-sinodal. No dia 13 de março daquele mesmo ano, foi eleito Papa Jorge Mario Bergoglio, o primeiro latino-americano a ocupar o sólio de Pedro.

O primeiro papa que não participou do Concílio Vaticano II, publicou no dia 24 de novembro daquele mesmo ano a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* em consequência desse sínodo, mas alargando o seu horizonte. Com este documento programático, Francisco não só indicava o caminho que pretendia seguir, ao requerer uma *Igreja pobre para os pobres*, mas, também redesenhava o programa da *Evangelização* para a Igreja no terceiro milênio, com uma nova etapa do processo evangelizador (EG, nn. 1, 27, 261) que existe sempre, ainda que diferente pelas circunstâncias especiais que tem de afrontar (GARCÍA CADIÑANOS,

2014, p. 473). Como ele próprio afirma, “toda a acção evangelizadora autêntica é sempre nova” (EG, n. 11).

Já o documento de Santo Domingo (1992, n. 30) referia que “para levar adiante a renovação do vaticano II, era preciso fazer uma conversão pastoral”. Aparecida, implicando a todos os cristãos, retomava a sugestão, sublinhando que era necessário “assumir uma atitude de conversão pastoral permanente” (DA, n. 366). Tratava-se de um novo modelo pastoral de conversão missionária, que Francisco assume e radicaliza na *Evangelii Gaudium*, anunciando que a necessária conversão pastoral deve atingir também o papado e as estruturas centrais da Igreja universal (cf. EG, n. 32; MENDES, p. 438). Referindo-se a uma *pastoral de conversão*, o Santo Padre afirma que “todas as comunidades procurem colocar os meios para avançar no caminho da conversão pastoral e missionária, para que não possam deixar as coisas como estão. Uma ‘mera administração’ já não nos serve” (EG, n. 25).

A proposta de Francisco começa com um sonho: “sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação” (EG, n. 27). E se este é o seu sonho, a sua concretização aponta para a promoção de uma Igreja em saída missionária como paradigma de toda a obra da Igreja (EG, n. 15). Algumas expressões desse documento programático, tais como “Igreja em saída missionária” (EG, n. 20) ou “Igreja em permanente estado de missão” (EG, n. 25) passam a fazer parte do vocabulário da evangelização e da pastoral.

A conversão pastoral não se refere, portanto, a um conjunto de ações, programas ou momentos da vida, mas a uma forma de viver (cf. EG, n. 273), um estilo de vida missionário (cf. EG 35), uma humanização da vida. Por isso a verdadeira reforma que Francisco pretende encetar, passa, em primeiro lugar, por uma mudança de mentalidade, tanto pastoral como eclesial, que parece ainda longe de ser alcançado porque mexe com hábitos, tradições e modelos pastorais arraigados. Há uma necessidade urgente de, como refere Perea González (2015, p. 273), mudar de perspectiva mais do que de planos pastorais.

A necessidade desta conversão pastoral, por conseguinte, não é de hoje nem deste tempo pandémico. O tempo que vivemos, apenas tem tornado esta urgência ainda mais urgente.

Se é necessário tornar toda a ação da Igreja numa ação evangelizadora e superar a autorreferencialidade pela alteridade da ‘saída missionária da Igreja’, em consequência disso, é impreterível superar alguns modelos de pastoral desajustados e ineficazes no actual momento. Afinal, a *conversão pastoral* implica uma *continua pastoral em conversão*.

2.2 PASTORAL EM CONVERSÃO

A Igreja em geral, e a Europa em particular, para responder às adversidades com que se tem deparado nos últimos tempos e que esta pandemia veio realçar, tem alimentado alguns

modelos de pastoral desajustados, ineficazes ou inconsequentes no atual contexto histórico, sobretudo aqueles que Brighenti (2013, pp. 90-94) denomina de pastoral apologista ou de neo-cristandade, pastoral secularista ou de pós-modernidade, e pastoral de conservação ou de cristandade.

Já não é possível evangelizar a partir da força institucional. A pastoral apologista está muito em voga por uma insatisfação causada, tanto pelo descrédito crescente que a Igreja tem na sociedade, como pela sua perda de influência e poder. Por isso, embora fomentando o clericalismo e o eclesiocentrismo, assume a defesa da instituição e a guarda das verdades da fé.

A pastoral “secularista”, que é a aquela que mais parece ajustar-se à sociedade pós-secularizada e aos tempos pandêmicos que vivemos, propõe-se como resposta às necessidades individuais imediatas, e privilegia a mística, sobretudo na esfera das sensações e do terapêutico. É dos três modelos pastorais o mais camuflado.

Pode-se afirmar que a pastoral de “conservação” é o tipo de pastoral mais presente e global nas comunidades cristãs. Funciona centralizada no padre e é baseada na recepção dos sacramentos. Alimenta-se muito à base de um certo culto de cunho devocional composto por procissões, romarias, milagres e promessas. Presume cristãos evangelizados, mas a maioria são católicos sem processos de iniciação. É um tipo de pastoral recorrente que, embora procure alguma adaptação aos tempos modernos, fá-lo para manter o mesmo de sempre.

Como evidencia Castela (2020, p. 191), “os projetos pastorais relacionados, explícita ou implicitamente, com estes modelos, não servem de modo conveniente a evangelização atual e ao futuro da Igreja” de uma Igreja Povo de Deus que se quer em constante saída missionária. Precisamos de uma pastoral que passe de “*uma Igreja preocupada em ser o centro*” (EG, n. 49), buscando a auto-preservação (cf. EG, n. 27), para uma Igreja em constante saída, que passe da mera recepção dos sacramentos a processos de iniciação à vida cristã de estilo catecumenal, do ritualismo mágico a uma catequese mistagógica (cf. EG, n. 166), do monopólio clerical ao protagonismo dos leigos (cf. EG, n. 102), das leis à graça de Deus (cf. EG, n. 38), do Catecismo à Bíblia, da comunicação de mensagens à comunicação de relações, da Igreja-massa a uma Igreja de pequenas comunidades acolhedoras e aconchegantes (cf. CASTELA, 2020, p. 191).

Não é mais possível uma pastoral preocupada em manter o que já está ou preocupada em manter espaços de poder e influência, como se essa fosse a principal missão da Igreja (cf. CASTELA, 2020, pp. 192-198). Como dizia Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi*: “Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar” (EN, n. 14). Todo o cristão, pelo seu batismo e por ser Igreja, tem a missão de anunciar, com palavras e obras, a Boa Nova da Salvação. E, para isso, tem de sair de si, dos seus comodismos e interesses, da sua fé privatizada, para chegar ao outro na sua condição.

Não há verdadeira evangelização quando o ‘emissor’ ou sujeito pastoral se coloca em plano de superioridade perante o ‘destinatário’ do anúncio. Precisamos passar de uma pastoral de enquadramento a uma pastoral de gestação (BACQ; THEOBALD, 2015), com o anúncio e amadurecimento da fé mais em sintonia com a necessidade de cada pessoa do que com uma doutrina que se tem de transmitir, uma pastoral que não imponha, mas proponha, uma pastoral que passe do diálogo dialético ao diálogo dialogal. Urge passar de uma pastoral enredada em planos, programas e mensagens, uma pastoral de ativismo, uma pastoral de eventos, a uma pastoral mais dinâmica, criativa, espiritual e em itinerários abertos, pois a pastoral missionária alicerça-se mais em processos, muitas vezes ordinários (do dia a dia), do que em estruturas, mais em ações personalizadas do que em ações de massas, mais a falar com Deus do que a falar de Deus (cf. CASTELA, 2020, pp. 198-205).

A Igreja precisa superar uma pastoral preocupada em transmitir uma doutrina, sobretudo numa catequese demasiado escolarizada e pouco kerigmática. Deve-se passar de uma pastoral de transmissão de conteúdos a uma pastoral de transmissão de amor, mais preocupada com humanizar a vida do que com moralizá-la, pois a Igreja não é um conjunto de regras, mas uma forma de viver, tal como a fé não é um mero assentimento a determinados dogmas ou virtudes, mas uma configuração com uma pessoa, Cristo (cf. CASTELA, 2020, pp. 209-214).

Procurando uma efetiva construção do Reino, urge uma pastoral mais atenta às periferias, mais aberta, mais inclusiva, que humanize a vida para a levar à plenitude de sentido e de felicidade que o Pai nos concedeu. “Um novo paradigma pastoral para estes tempos de mudança aponta para uma Igreja que tire o foco das suas questões internas e se sintonize com as grandes aspirações da humanidade” (CASTELA, 2020, p. 214).

É urgente também passar de uma pastoral clericalizada a uma pastoral de comunhão, mais sinodal, mais aberta à participação de todos e de cada um. “Poderíamos chamar-lhe superação de uma pastoral piramidal por uma pastoral de corresponsabilidade ou comunitária” (CASTELA, 2020, p. 205). Embora a participação laical tenha vindo a aumentar, na Europa ainda se está longe de superar o clericalismo. Por isso, com boa vontade, têm surgido em algumas Dioceses tentativas de uma reorganização no sentido de se implementarem Unidades Pastorais ou paróquias de corresponsabilidade, lideradas por equipas de coordenação com leigos, clérigos e demais consagrados, para se concretizar uma ação pastoral mais participativa e sinodal, e superar algumas das dificuldades das comunidades paroquiais. A Igreja deve caminhar para ser verdadeiro espaço da diversidade na corresponsabilidade, uma verdadeira Igreja Comunhão Missionária.

CONCLUSÃO

A Igreja existe para evangelizar (EN, n. 14). O que recebe de Deus não é exclusivamente para si, mas para partilhar. É esse o mandato que Jesus deixou aos seus discípulos. E por isso, toda a sua ação, independentemente de ser litúrgica, catequética ou sócio-caritativa, tem de ser evangelizadora. “Evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG, n. 176).

Diante da realidade, foi-nos possível identificar que a Igreja – como dizia o Papa Francisco, fazendo menção ao Cardeal Martini (FRANCISCO, 2019) –, apesar da renovação trazida pelo Vaticano II, ainda não conseguiu colocar-se realmente em dia com a sua missão evangelizadora. Há vários sinais de atraso em sua pastoral. Dificuldades que se tornaram mais visíveis e mais críticas durante este tempo prolongado de pandemia.

Olhando para esta realidade desde a situação da Europa, buscou-se implicar aspectos constantes e transversais no magistério do Papa Francisco, mas que são manifestos de modo mais explícito na *Evangelii Gaudium*, tendo em vista indicar a urgência de uma *Igreja em saída: a conversão pastoral e a pastoral em conversão missionária*. Tal como nos parece, esta é a única saída possível para a Igreja neste terceiro milênio. Em suma, trata-se de promover uma mudança de mentalidade e a consequente reforma das estruturas e relações eclesiais, programas e ações pastorais. Dito ainda de outra maneira, precisamos superar uma *pastoral de manutenção* e investir com seriedade no *discipulado missionário* e na *sinodalidade* como abertura a uma Igreja participativa, ministerial, inclusiva... a serviço da Evangelização. Urge passar de uma pastoral clericalizada e eclesiocêntrica a uma pastoral mais humanizadora, aberta à participação de todos e de cada um e aplicada no *cuidado da casa comum*.

Por fim vale a pena recordar que este trabalho foi elaborado em uma dupla colaboração, interagindo duas perspectivas diferentes, mas com o mesmo horizonte. De um lado, a contribuição europeia de um português mais orientada para o desafio da missão como anúncio da Boa Nova aos descrentes, pós-cristãos ou indiferentes, de outro, a contribuição de um latino-americano brasileiro mais dirigida para o Reinado de Deus desde uma problemática mais social.

Ambos aspectos permitiram examinar a situação da Igreja na Europa e fizeram deste trabalho um intercâmbio fecundo que incorpora a necessária saída missionária da Igreja para *Evangelizar* e também ser evangelizada.

REFERÊNCIAS

AGENZIA FIDES. Las estadísticas de la Iglesia Católica 2012, [en línea]. Disponível em: http://www.fides.org/es/stats/34300-Las_Estadisticas_de_la_Iglesia_catolica_2012. Acesso em: Consulta: 20 abr. 2021.

AGENZIA FIDES. Las estadísticas de la Iglesia Católica 2020, [en línea]. Disponível em: http://www.fides.org/es/stats/68840-VATICANO_Las_estadisticas_de_la_Iglesia_catolica_2020. Acesso em: Consulta: 20 abr. 2021.

ANNUARIUM STATISTICUM ECCLESIAE (2000). L'Osservatore Romano. Disponível em: https://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_2000-2000__AA_VV__Annuarium_Statisticum_Ecclesiae__EN.doc.html. Acesso em: Consulta: 20 abr. 2021.

BACQ, Philippe – THEOBALD, Christoph. (Eds.). Uma nova oportunidade para o Evangelho. Prior Velho: Paulinas, 2015.

BELLIZI, Marco. Per questo stiamo soffocando. Conversazione con il Cardinale Jean-Claude Hollerich. L'Osservatore Romano, 2 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.osservatoreromano.va/it/news/2020-09/per-questo-stiamo-soffocando.html>. Acesso em: 20 abr. 2021.

BRIGHENTI, Agenor. “Por uma evangelização realmente nova”, *Perspectiva Teológica* 125 (2013) 90-94.

CÂMARA, Hélder. O Pós-Concílio à Altura do Vaticano II. In: KLOPPENBURG, Boaventura. Concílio Vaticano II. Quarta Sessão (set.-dez. 1965). Petrópolis: Editora Vozes, 1966. pp. 529-534.

CASTELA, Jorge. Evangelizar em tempos de mudança. Porto: Edições Salesianas, 2020.

CODINA, Victor. Ser cristiano en Europa. Barcelona: Cristianisme i Justícia. 2020.

FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium. 24 de novembro de 2013. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 28 mar., 2021.

FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica Laudato si'. 24 de maio de 2015. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 10 abr. 2021.

FRANCISCO, Papa. Discurso do Santo Padre à Cúria romana na apresentação de voto natalícios. 21 de dezembro de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/december/documents/papa-francesco_20191221_curia-romana.html. Acesso: 28 abr., 2021.

FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica Fratelli Tutti. 3 de outubro de 2020. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 03 abr. 2021.

GALLI, Carlos M. “Evangelii Nuntiandi”, em: AA.VV., Francisco: la alegría que brota del pueblo. Una reflexión compartida de Evangelii Gaudium. Buenos Aires: Editorial Santa María, 2015.

GARCÍA CADIÑANOS, Fernando. “Evangelii Gaudium: una iglesia pobre y para los pobres”, *Salmanticensis* 61 (2014) 473.

GODIN, Henri; DANIEL, Ives. La France, pays de Mission? Paris 1943.

HALÍK, Tomás. O tempo das igrejas vazias. Prior Velho: Paulinas, 2021.

LUCIANI, Rafael. El Papa Francisco y la teología del Pueblo. Madrid: PPC, 2016.

MALLON, James. Una renovación divina. De una parroquia de mantenimiento a una parroquia misionera. Madrid: BAC, 2015.

MENDES, Vitor Hugo. Vaticano II: A modernidade da Igreja em um contexto de mudanças, *Medellín*, Bogotá, v. 37. n. 148, 461-487, oct./dic. 2011.

MENDES, Vitor Hugo. Liberación, un balance histórico bajo el influjo de Aparecida y Laudato si'. El aporte latinoamericano de Francisco. Tesis doctoral. Universidad de Salamanca. Salamanca: UPSA, 2020.

PAULO VI, Papa. Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi. 8 de dezembro de 1975. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 03 abr. 2021.

PEREA GONZÁLEZ, Joaquín. Del Vaticano II a la Iglesia del Papa Francisco. Cincuenta años de posconcilio. Madrid: PPC, 2015.

TAYLOR, Charles. La era secular. Barcelona: Editorial Gedisa, 2015.